

## **ARTE: LINGUAGEM, ACONTECIMENTO E VERDADE<sup>1</sup>**

**Maria Regina Johann<sup>2</sup>, José Pedro Boufleuer<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa Institucional desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI, pertencente ao Grupo de Pesquisa Teorias pedagógicas e dimensões éticas e políticas da educação.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Humanidades & Educação, aluna do curso de doutorado em Educação nas Ciências UNIJUI, maria.johann@unijui.edu.br;

<sup>3</sup> Professor orientador, Doutor do Departamento de Humanidades & Educação da UNIJUI, jospebou@unijui.edu.br;

### **1. Introdução**

Na pesquisa pergunta-se pela essência da obra de arte, pela arte enquanto linguagem e sua natureza estética. Verifica-se o que significa o acontecer da verdade que ela instaura ao modo de uma linguagem poética e como isso vem ao mundo dos homens a cada vez que trazemos a obra a um horizonte de interrogação. Objetiva-se compreender porque a arte é uma linguagem e como podemos acessar a sua verdade.

### **2. Metodologia**

Os objetivos da investigação são buscados mediante pesquisa de natureza teórica, com incursões nas obras de autores que tratam de temas como: Linguagem, Hermenêutica e Arte. Para essa sequência de tematizações visualizamos, num primeiro momento, os autores Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer.

### **3. Resultados e discussões**

A arte instaura no mundo dos homens uma verdade histórica. Essa afirmação é referenciada em autores como Heidegger (1977, 1988, 1989) e Gadamer (1999, 2004, 2010), para quem ela é um evento, um ser que se diz e pede para ser ouvida. Nessa perspectiva hermenêutico-fenomenológica, a arte é uma linguagem específica, também um acontecimento que possibilita ao homem a compreensão de uma verdade histórica, assim como a sua própria autocompreensão. Para esses filósofos a arte, a obra e o artista são origem um do outro; acontecem situados numa circularidade poética ao modo de um jogo que denominamos pré-ontológico. Por essa maneira própria de ser, a arte está aberta às coisas mesmas e por isso ela encontra a verdade do ser, inscrevendo no mundo a obra. A verdade, sempre em perspectiva própria, que a obra revela poeticamente se dá através da abertura as suas questões. Para tanto temos que considerar a sua dimensão estética, porque essa é a sua natureza; é nessa perspectiva que nos diz algo ao seu modo. Dessa maneira, o que a legitima como linguagem é justamente o fato de ela compor o conjunto de experiências do mundo; apresenta uma verdade histórica e permanece entre nós aberta às interpretações. Sua contribuição para nosso viver humano está em ser uma linguagem que se dirige a nós com uma exclusividade, como uma

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

atualidade que se atualiza a cada vez que nos entregamos as suas questões. Configura-se ela ao modo de uma linguagem, pois, de acordo com Heidegger e Gadamer, linguagem é a maneira pela qual acessamos compreensivamente o ser. Compreender a origem da obra, sua essência enquanto criação e seu caráter de ser-histórico permite entender porque a arte se distingue das demais formas de expressão do mundo humano, uma vez que tem uma especificidade. Desse modo, é importante considerar a materialidade da obra e sua objetividade uma vez que “[...] o que dá às coisas a sua consistência (das Ständige) e a sua nuclearidade e que origina simultaneamente o tipo de seu afluxo sensível, o colorido, o sonoro, a dureza, o maciço é a materialidade” (Heidegger, 1977, p. 19). O que quer que a obra seja é preciso apreender a partir da sua presentificação. Diferentemente de um objeto, uma coisa, a obra de arte é um acontecimento que “[...] abre à sua maneira o ser do ente. Na obra acontece esta abertura, a saber, o desocultar, ou seja, a verdade do ente. Na obra de arte, a verdade do ente põe-se em obra na obra. A arte é o pôr-se-em-obra da verdade” (Heidegger, 1977, p. 30). Assim, “[...] levantando-se em si mesma, a obra abre um mundo e mantém-no numa permanência que domina. Ser obra quer dizer instalar um mundo” (Heidegger 1977, p. 34-35). O mundo a que Heidegger se refere não é a simples reunião das coisas existentes, nem tampouco uma moldura meramente imaginada, mas tempo e espaço “[...] onde se jogam as decisões essenciais da nossa história, [que] por nós são tomadas e deixadas, onde não são reconhecidas e onde de novo são interrogadas, aí o mundo mundifica” (Heidegger, 1977, p. 35). Compreendemos, assim, que só o homem tem mundo porque é um ser acontecente, que age compreensivamente no mundo. No mundo humano, a obra, enquanto obra, instala um mundo e passa a pertencer “[...] ao campo que é aberto por ela própria” (Heidegger, 1977, p. 32). Conforme o filósofo, esse seria um dos seus traços essenciais. Assim, a arte munda e, como ser histórico que é, instala no mundo uma verdade que vem a nós ao modo de uma chama, de um acontecer interpretante. Por isso a obra de arte é, em sua essência, criação, pois do ser-obra parte a instalação de um mundo. Assim, a circularidade da criação instaura a história porque cria um mundo, visto que “a arte é histórica e, enquanto histórica, é a salvaguarda criadora da verdade na obra. A arte acontece na poesia. Esta é a instauração no sentido triplo da oferta, fundação e princípio. Como instauração, a arte é essencialmente histórica [...], no sentido essencial de que funda a História [...]” (Heidegger, 1977, p. 62). Diante disso, o filósofo afirma que “a arte faz brotar a verdade. A arte faz assim surgir, na obra, a verdade do ente. Fazer surgir algo é trazê-lo ao ser no salto que instaura, a partir da proveniência essencial – eis o que quer dizer a palavra origem” (idem). A origem da obra de arte é a origem do ser-aí histórico de um povo, porque a arte é, na sua essência, uma origem, “um modo eminente como a verdade se torna ente, isto é, histórica” (idem). O ser-obra da obra acontece em modo de criação. E aqui se destaca o âmbito poético que a distingue do ser-apetrecho do apetrecho que está vinculado ao instrumento (serve a alguma coisa ou a alguém). Desse modo, Heidegger (1977, p. 45) afirma que “se algo caracteriza a obra como obra, é este ser-criado da obra”, e esclarece que “criar é aqui sempre pensado em relação à obra. Da essência da obra faz parte o acontecimento da obra. A essência do criar determinamo-la de antemão a partir de sua relação com a essência da verdade, enquanto desocultação do ente” (idem). Essa essência tem seu fundamento na circularidade da

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

criação, visto que a origem da obra de arte e do artista é a arte. A verdade que a arte possibilita é ao modo de um clarear e um ocultar do ente, e “[...] acontece na medida em que se poetiza. Toda a arte, enquanto deixar-se acontecer da advertência do ente como tal, é na sua essência Poesia” (Heidegger, 1977, p. 58). Assim, a Poesia é constitutiva da arte e como dizer projectante ela é linguagem, visto que “[...] a linguagem não é apenas – e não é em primeiro lugar – uma expressão oral e escrita do que importa comunicar” (Heidegger, 1977, p. 59). Diante disso, entendemos em Heidegger que a linguagem é o modo do ente aparecer; é o âmbito no qual alguma coisa é, tem sentido e existência. A linguagem traz o ente à palavra, ao aparecer e, com isso, a possibilidade compreensiva; a ascensão da arte se dá pela linguagem poética. Só na medida em que a linguagem nomeia pela primeira vez o ente é que um tal nomear traz o ente à palavra e ao aparecer (Heidegger, 1977, p. 59). A linguagem é um acontecimento do dizer expresso nas línguas e a Poesia é um modo de ser da linguagem; é um acontecer da linguagem. “A arte, enquanto o pôr-se-em-obra-da-verdade, é Poesia” (Heidegger 1977, p. 60). A verdade que a obra funda, então, não se dá ao modo de uma adequação, ao modo de uma perspectiva instrumentalizante da linguagem, mas como um acontecimento que se dá no “caldal da linguagem”. Hermeneuticamente isso se dá no encontro entre o horizonte da obra e o horizonte do intérprete, visto que a obra não “fala por si”. Ela precisa ascender ao mundo da linguagem e aí encontrar a sua atualidade. Temos, então, que instituir uma relação inaugural com a obra é acessar a sua objetividade em perspectiva própria, uma vez que a objetividade da obra não garante a objetividade da interpretação. É nesse acontecimento hermenêutico, que se dá a cada vez, que a obra se diz a cada um de nós. Nisso acessamos o seu ser e, em perspectiva própria, interpretamos e julgamos sua beleza e sua dimensão histórica e, desse modo, compreendemos a obra e nos autocompreendemos. Assim, ela se atualiza e permanece entre nós como tradição e verdade histórica; salvaguardamos a obra. Já em Gadamer (2004), a verdade que a arte instaura está referida à dimensão de história efetual, pois nossa consciência é determinada por um processo que se dá sob efeito da história ao modo como “[...] se transmitiu sempre o passado e as coisas passadas” (Gadamer, 2004, p. 170). Ao desvelar, a obra funda e instaura; oferece à arte e ao mundo dos homens sua humanidade histórica, que temos como verdade acessível no plano da linguagem artística, construída no projeto poemático da obra (sua poética). A existência da obra instaura uma criatura; a obra passa a habitar o mundo. Desse modo, “sempre que a arte acontece, a saber, quando há um princípio, produz-se na história um choque (Stoss), a história começa ou recomeça de novo”; por isso, a obra é novidade, entendendo que para Heidegger a “História é o despertar de um povo para a sua tarefa, como inserção no que lhe está dado” (Heidegger, 1977, p. 62). Tem-se por isso que “[...] a arte é, na sua essência, uma origem: um modo eminente como a verdade se torna ente, isto é, histórica (idem). A verdade que a arte instaura assume em Gadamer (2010) um sentido de autocompreensão, pois a experiência da arte jamais compreende apenas um sentido cognoscível, antes se abre à nossa compreensão, sendo, também, um encontro conosco mesmo; uma autocompreensão, visto que “a obra de arte que diz algo confronta-nos com nós mesmos”, e ela “[...] faz isso como uma arte respectivamente atual e por meio de sua própria atualidade (Gadamer, 2010, p. 7). Conforme Gadamer (2010) a arte coloca uma

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

questão que é o seu próprio ser, como linguagem e espaço mais amplo da experiência do sujeito; ela possibilita que possamos ‘aparecer mais’; ela evidencia a nossa humanidade, e não o contrário. Por isso Gadamer (2010, p. 23) enfatiza que “na obra de arte acontece paradigmaticamente aquilo que todos nós fazemos na medida em que estamos aqui: estruturação constante do mundo”. Nesse sentido, pensemos na arte como linguagem e como espaço mais amplo da experiência do sujeito, e a estética como o âmbito onde nós, humanos, podemos aparecer mais, uma vez que a arte não está constrangida pelas leis e pelo cognitivo instrumental. Para Gadamer (2010) a obra de arte tem, antes, o seu verdadeiro ser em se tornar uma experiência que irá transformar aquele que experimenta, pois o encontro com a obra nos põe uma questão: a questão que provocou o seu ser. Diante da arte, entramos num jogo que “[...] é o próprio modo de ser da obra de arte” (Gadamer, 1999, p. 174- 175). Por outro lado, “[...] a obra de arte parece de fato pertencer a uma tal tradição não linguística. E, no entanto, a experiência e a compreensão de uma obra de arte significam algo diverso do que, por exemplo, a compreensão de instrumentos ou usos que nos são legados a partir do passado” (Gadamer, 2010, p. 5). A obra de arte diz algo a alguém, e o diz “[...] como se isso fosse dito expressamente a ele, enquanto algo atual e simultâneo. Desse modo, vem à tona a tarefa de compreender o sentido daquilo que ela diz e de torná-lo compreensível – para si e para os outros” (Gadamer, 2010, p. 5-6).

#### 4 Conclusões

A arte é a origem do nosso ser-aí-histórico. Ente que se materializa “[...] num tal saber que prepara o espaço para a obra, o caminho para os que criam, o lugar para os que salvaguardam” (Heidegger, 1977, p. 63). Ela acontece! Apresenta a sua verdade ao modo de beleza. Essa perspectiva acontecente da arte se dá “[...] num tal saber, que só pode crescer devagar” e, nele “[...] decide-se se a arte pode ser uma origem e, em seguida, se pode ser um salto antecipativo (Vorsprung), ou se deve permanecer apenas um suplemento e, então, só pode transportar-se como uma manifestação corrente da cultura” (idem). Com Heidegger e Gadamer compreendemos que a arte é uma chama e, como tal, se mantém viva clareando a nossa finita condição humana no salto que instaura a origem do ser-aí histórico de um povo. Ela pode ser um salto antecipativo na medida em que abre a clareira para o ser e erige uma verdade histórica no mundo dos homens.

5. Palavras-Chave: Poesia; Evento; Desocultação; Verdade Histórica; Autocompreensão.

6. Referências GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Verdade e método II: complementos e índices. Tradução de Enio Paulo Giachini; revisão da tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica em retrospectiva. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica da obra de arte. Seleção e tradução de Marco Antonio Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HEIDEGGER, Martin. Ser & Tempo I. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

\_\_\_\_\_ Ser & Tempo II. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti. Petrópolis; RJ: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_ A origem da obra de arte. Tradução de Maria da Conceição Costa. Tijuca; RJ: Edições 70, 1977.